

# NEWS LETTER

**COORDENAÇÃO DO  
ENSINO DE PORTUGUÊS  
NO REINO UNIDO E ILHAS DO CANAL**

- 3 -

## APRENDER, FALAR E SER EM PORTUGUÊS NO REINO UNIDO

**PREMIAR O MÉRITO**

**ENTRE A REALIDADE E O SONHO**

**FALA-SE PORTUGUÊS POR AÍ?**

***PERGUNTAS À LÍNGUA PORTUGUESA  
MIA COUTO***

**PASSATEMPO  
*Português Bem Cuidado***

**IC**  
INSTITUTO  
CAMÕES  
PORTUGAL

Coordenação  
do Ensino Português no Reino Unido  
Ministério dos Negócios Estrangeiros | Ministério da Educação



# Premiar o mérito e o sonho



Regina dos Santos Duarte  
Responsável pela Coordenação do EPRUIC

Neste terceiro número da nossa *newsletter*, anunciamos a segunda edição do prémio BES – Mérito em Língua Portuguesa e a primeira edição do Prémio BES – Paula Rego (prémio ilustração).

Pretendemos premiar o esforço dos nossos alunos e mostrá-los que o mérito lhes abre portas que poderiam, à partida, julgar fechadas para eles. Queremos que percebam que a excelência, em qualquer domínio, se consegue com o esforço, com a vontade, e não com golpes de sorte ou de genialidade, que essa só chega a alguns. O trabalho e o mérito estão ao alcance de todos. Nas mãos dos professores e das famílias está esta difícil missão: a de conseguir provar que o esforço compensa,

que as horas de estudo são mi-lhas acumuladas num cartão que os pode levar a viajar aonde quiserem. E que o facto de crescerem com um bom domínio de duas línguas como são o inglês e o português lhes facilita a viagem, dado que é o mundo todo que podem escolher para trabalhar ou para conhecer.

O sonho é aqui o motor de tudo isto. Não nos basta sonhar ser um jogador de futebol famoso para os nossos pés começarem imediatamente a fazer jogadas dignas de um Ronaldo. Não nos basta uma roupa da moda para nos convidarem a desfilarem nas passarelas da London Fashion Week. Mas sem sonharmos, não nos movemos, nem o mundo se move. Não nos basta escrever umas belas composições para virmos a ser um Saramago ou uma J.K. Rowling. Mas se não trabalharmos, se não treinarmos, se não tivermos a coragem de riscar tudo o que fizemos e começar de novo, acreditando que vamos conseguir fazer melhor, nem um texto bem escrito conseguimos produzir.

Era da tradição acreditar que se aprendia a escrever bem por

osmose: se lêssemos muito, seríamos bons escritores. A ser verdade, teríamos agora muitos Eças e muitos Camões, para não falar em Homeros e Virgílios, fruto dos anos que passámos a ler estes autores. Não compreendemos tão bem o nosso país de hoje se não lermos o Eça, nem a civilização ocidental se não lermos Homero. Não saberemos nunca falar de amor se não lermos a lírica de Camões. Mas não escrevemos como eles. Muitos anos de investigação provaram aquilo que agora nos parece ser só bom senso: aprende-se a escrever escrevendo, treinando, planeando, revendo, corrigindo, uma e outra vez. E é neste esforço e neste empenho em tornar aquele texto melhor do que o rascunho inicial que está o mérito.

Premiaremos os melhores alunos de língua portuguesa em duas vertentes: no domínio da língua e na ilustração, a trabalhos feitos em parceria com os professores de artes. E não são exclusivos, língua e ilustração: ambos implicam esforço, ambos precisam do sonho. Em português.

## ÍNDICE

Editorial, 2

Ensinar e aprender português no Reino Unido, 3

Herança e erosão, 4

Conversas sobre educação, 5

Mia Couto, *Perguntas à Língua Portuguesa*, 6  
*Crónica Fala-se Português por aí?*, 7

New to portuguese, 8

Sugestões de leitura, 9

Materiais, 13

Português bem cuidado - passatempo, 20



## Ensinar (e aprender) português no Reino Unido



Alessandra Oliveira (Professora do Ensino Básico e Secundário, Coordenação do Ensino Português, Londres)

### Parte II: Apostas e trajetórias

Muitas são as dificuldades que se interpõem no caminho de quem ensina e aprende português no Reino Unido – e dessas nos ocupámos já na edição de fevereiro. Mas se decidimos dar-lhes espaço nesta *newsletter* foi sobretudo porque elas nos ajudam a definir novas rotas e trajetórias para o trabalho que desenvolvemos, a procurar novas soluções, mais inclusivas e eficazes, à altura das exigências crescentes de uma rede em expansão. Lembre-se, a este propósito, a aposta da CEP-RUIC no Ensino a Distância, exemplo expressivo de uma tentativa bem sucedida de dar resposta a necessidades específicas, não previstas no plano de atuação de uma rede de ensino com restrições geográficas e financeiras, que dificilmente poderia abranger casos particulares ou cobrir todos os pontos do país. Assim, se houve tempos em que se lamentava a ausência de professores de português em áreas onde a comunidade lusófona não era numericamente representativa, hoje é já possível oferecer um acompanhamento em linha a todos os que, no Reino Unido e Ilhas do Canal, desejem aprender ou desenvolver as suas competências na língua de Camões. Mas os exemplos de provas superadas não se ficam por aqui. Basta pensar que, todos os anos, centenas de alunos no Reino Unido realizam com sucesso exames de Língua Portuguesa. Da responsabilidade do sistema

educativo britânico, os GCSE e A Levels certificam as competências adquiridas e premeiam o empenho colocado no estudo de mais um idioma, num claro reconhecimento do valor de se ser bilingue – ou plurilingue – numa sociedade amplamente marcada pela diversidade cultural e linguística.

Todavia, nem isto seria possível sem a estreita articulação de esforços e o rigoroso equilíbrio de responsabilidades que partilham professores e encarregados de educação. Para que os progressos sejam visíveis e as aprendizagens consolidadas, para se atingir a destreza linguística de que tantos dos nossos alunos se podem orgulhar são precisas mais do que as escassas horas semanais dedicadas formalmente, em sala de aula, ao estudo do português. Ora, é esta necessidade que faz de pais e professores parceiros próximos na transmissão da chamada ‘língua de família’ ou, lembrando a riqueza que representa, ‘língua de herança’. Bem árdua se revela a tarefa, quando o inglês cresce com estas crianças e jovens, que o ouvem na escola, o falam com os amigos, o vivem por toda a parte, e que sobretudo lhe reconhecem, desde cedo, o estatuto de língua de entendimento universal. Em casa, como nas aulas, é, pois, importante resistir e insistir, falar e esperar resposta em português, ler, jogar - e até cantar - na língua dos pais e dos avós, comemorar datas e festas, lembrar e viver as tradições. Neste contexto de ensino, a comunicação com os pais vai, por isso, bem além da árida e impessoal troca de informações sobre assiduidade, aproveitamento e disciplina. Descontraidamente à saída das aulas ou mais formalmente em reuniões, por telefone, via email ou em presença, é importante encorajá-los, ouvir-lhes os receios, esclarecer-lhes as dúvidas, registar as conquistas que nos descrevem, sugerir-lhes soluções para as dificuldades com que se vão deparando...

Mas o desenvolvimento profissional do professor não beneficia menos deste diálogo estreito que vai man-

tendo com as famílias, que em muito o ajuda a flexibilizar a sua abordagem ao ensino da L2 e a contemplar na sua prática diária as especificidades deste contexto educativo. Daí a aposta da CEP em levar mais longe esta simbiose, com realização de sessões de esclarecimento para encarregados de educação, a promoção de eventos para partilha de experiências entre os vários agentes educativos, a dinamização de uma página online dedicada a todos os que possam ter interesse sobre o ensino do português no Reino Unido e, mais recentemente, a criação de uma *newsletter* mensal contendo informações e reflexões diversificadas sobre o EPE, além de recursos pedagógicos úteis para trabalhar conteúdos de língua em casa ou na aula.

Finalmente, porque também a cooperação institucional se revela decisiva para o sucesso da missão de que fomos investidos enquanto professores e promotores da língua e cultura portuguesas além-fronteiras, continua a ser vital procurar nas escolas dos alunos o suporte e a base para o desenvolvimento do nosso projeto. Para uma aproximação a esta meta, têm os professores contribuído das mais diversas formas, quer mediante a disponibilidade que empenham na mediação escola-família-comunidade, quer com a preocupação metódica demonstrada em articular os objetivos do projeto escolar com as orientações do trabalho que realiza, ou mesmo por via da abordagem interdisciplinar de conteúdos, tão útil no desenvolvimento de competências académicas transversais. Tudo se faz com vista à expansão do potencial global do aluno e em nome da sua integração plena no sistema de ensino e sociedade britânicos.

Ainda assim, muito(s) território(s) continua(m) por desbravar e muitas mais apostas por fazer. Para que tudo possa continuar a valer a pena...



Foto DIS-PATCH

## Herança e erosão



Prof. Doutor João Costa,  
Linguista da FCSH, UNL

É interessante observar o que acontece a uma língua quando se cristaliza em comunidades específicas, em particular em comunidades emigrantes. Os falantes de segunda e terceira geração – conhecidos como falantes de herança – adquirem a língua dos seus pais num contexto diferente daquele que teriam se fossem crianças a adquirir a mesma língua no país de origem dos pais. A diferença mais óbvia reside no facto de aquela língua ser falada pelos

pais, mas por mais ninguém (ou quase ninguém). A língua de escolarização é outra; a língua para estabelecer relações sociais é outra.

Neste contexto, é frequente observar-se dois tipos de fenómeno: algumas marcas específicas dos “falares emigreses” – sobretudo ao nível do léxico. Mas também aquilo a que alguma literatura recente dá o nome de “erosão linguística” e que consiste na influência de uma segunda língua sobre a língua materna. São disto exemplo os vários estudos conduzidos pela Professora Cristina Flores, da Universidade do Minho. O estudo deste fenómeno permite identificar quais são as áreas da língua mais permeáveis a este tipo de influência e gerir os desempenhos em contexto escolar,

como por exemplo os casos em que existe interação entre aspectos sintáticos e discursivos, como o domínio do sujeito nulo. A existência de “erosão”, apesar de normal, quando pensada em conjunto com a vantagem que se oferece a crianças que são bilingues ou trilingues na promoção de competência nativas nas várias línguas que dominam, deve tornar-nos conscientes da importância do desenvolvimento de formação específica em função dos perfis linguísticos dos alunos. Os falantes de herança não podem ser comparados a alunos com desenvolvimento típico e carecem de estudo para uma intervenção didática consciente.

M I N H A  
L Í N G U A  
M I N H A  
H E R A N Ç A

## Entre a fantasia e o esforço



Dr. Pedro Mendes, Psicólogo  
pedro.g.mendes@netcabo.pt

Na conversa deste mês gostava de reflectir convosco a diáde fantasia/esforço, e penso particularmente nas questões dos sonhos dos meninos *versus* a necessidade da educação formal e do esforço associado de forma a obter resultados satisfatórios. Voltamos ao tema da conversa do mês passado, da diferença entre princípio do prazer e princípio da realidade. Mas será que ambos são antagónicos e mutuamente exclusivos? A maioria dos meninos (em psicologia não devemos usar o todos para evitar perigosas generalizações) sonham em ser bombeiros, astronautas ou jogadores de futebol. As meninas sonham em ser bailarinas ou princesas. Dizendo de outra forma, a maioria dos meninos e das meninas sonham em desempenhar papéis socialmente e culturalmente associados ao ser rapaz e ser rapariga. Às vezes esta “imposição” surge dos adultos significativos (pais ou outros cuidadores) desejarem que isso aconteça. Pode ser um desejo explícito, quando por exemplo o menino apesar de não gostar de jogar à bola desde os 3 anos é colocado num clube de futebol ou quando uma menina mais “maria rapaz” é inscrita

no ballet. Outras vezes é implicitamente percebida no ambiente familiar e social, ainda profundamente marcado por princípios essencialistas.

Paralelamente a estes sonhos próprios de ser criança existe a necessidade e a obrigatoriedade do ensino formal, onde há regras e objectivos a serem cumpridos.

Contudo, estes dois domínios não têm de ser incompatíveis. Fantasiar, para as crianças, é uma razão de existir. Matar a fantasia nos pequenos significa matá-los psiquicamente. Citando um dos meus mestres, João dos Santos, “fantasiar é, para outros, para alguns velhos professores, a ignomínia de não consagrar o tempo inteiro a devorar livros e a digerir o saber acumulado dos outros. Para as crianças, agir, fantasiar e pensar são inseparáveis”. Ou seja, eles podem (e devem!) trabalhar e fantasiar ao mesmo tempo. Cabe-nos a nós, educadores, exercer a nossa autoridade (sem ter medo de o fa-

zer, sem ter medo de traumatizar os nossos filhos ou educandos. Agora há muito medo de exercer a autoridade, confundindo autoridade com autoritarismo. É profundamente necessária e produtora a disciplina, a regra, o limite. Todos estes aspectos são altamente estruturantes e securizantes para as crianças e jovens. Eles esperam-nos de nós, por muito que

possam reclamar! Este é um trabalho que apesar de não ser exclusivo dos pais ou dos professores, tem de ser partilhado por ambos. Cabe aos professores, por princípio de bom funcionamento da sala de aula e da escola, impor limites, regras, tempos de trabalho e estudo. Contudo, estes só serão interiorizados e lhes farão sentido se em casa estes também existirem. Assim como o bom exercício da autoridade é altamente estruturante e securizante no processo de desenvolvimento, nada é mais desestruturante do que a ambivalência e a contradição.

Assim, como podemos conseguir este equilíbrio entre os seus sonhos de hoje e a realidade que lhes será imposta, que nos deixa tão ansiosos? Que tal partilhar com eles os

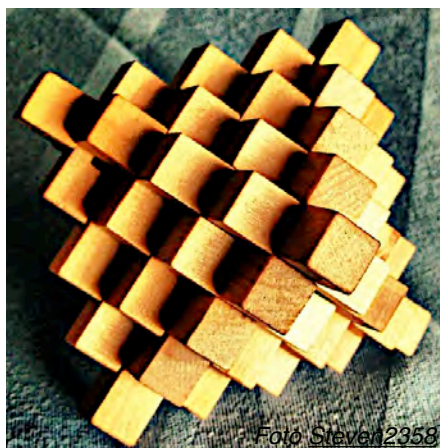


Foto Steven 2358

nossos sonhos de meninos? Que também quisemos ser tudo aquilo que eles querem, mas que hoje somos professores, engenheiros, médicos, contabilistas, car-

pinteiros... ou seja, mostrar-lhes que apesar dos nossos sonhos, quando crescemos temos de ter uma profissão que seja fonte do nosso rendimento, que será fantástico que possam cumprir os seus sonhos, mas que se calhar têm de escolher outra profissão. E não há melhor forma de ensinar do que oferecermo-nos como modelos.



## DEPOIMENTO

Este mês, em vez do habitual depoimento de um residente português no Reino Unido, decidimos divulgar um texto de Mia Couto, que é também um testemunho sobre a forma como vê e sente a Língua Portuguesa. Esta crónica foi escrita para o Ciberdúvidas.



Mia Couto

**Venho brincar aqui no Português, a língua. Não aquela que outros embandeiram. Mas a língua nossa, essa que dá gosto a gente namorar e que nos faz a nós, moçambicanos, ficarmos mais Moçambique. Que outros pretendam cavalgar o assunto para fins de cadeira e poleiro pouco me acarreta.**

A língua que eu quero é essa que perde função e se torna carícia. O que me apronta é o simples gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo. Meu desejo é desaliciar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da Vida. E quantas são? Se a Vida tem é idimensões? Assim, embarco nesse gozo de ver como escrita e o mundo mutuamente se desobedecem. Meu anjo-da-guarda, felizmente, nunca me guardou.

Uns nos acalentam: que nós estamos a sustentar maiores territórios da lusofonia. Nós estamos simplesmente ocupados a sermos. Outros nos acusam: nós estamos a desgastar a língua. Nos falta domínio, carecemos de técnica. Ora qual é a nossa elegância? Nenhuma, excepto a de irmos ajeitando o pé a um novo chão. Ou estaremos convidando o chão ao molde do pé? Questões que dariam para muita conferência, papulosas comunicações. Mas nós, aqui na mais meridional esquina do Sul, estamos exercendo é a ciência de sobreviver. Nós estamos deitando molho sobre pouca farinha a ver se o milagre dos pães se repete na periferia do mundo, neste sulbúrbio. No enquanto, defendemos o direito

de não saber, o gosto de saborear ignorâncias. Entretanto, vamos criando uma língua apta para o futuro, veloz como a palmeira, que dança todas as brisas sem deslocar seu chão. Língua artesanal, plástica, fugidia a gramáticas.

Esta obra de reinvenção não é operação exclusiva dos escritores e linguistas. Recriamos a língua na medida em que somos capazes de produzir um pensamento novo, um pensamento nosso. O idioma, afinal, o que é senão o ovo das galinhas de ouro?

Estamos, sim, amando o indomesticável, aderindo ao invisível, procurando os outros tempos deste tempo. Precisamos, sim, de senso incomum. Pois, das leis da língua, alguém sabe as certezas delas? Ponho as minhas irreticências. Veja-se, num sumário exemplo, perguntas que se podem colocar à língua:

Se pode dizer de um careca que tenha couro cabeludo?

No caso de alguém dormir com homem de raça branca é então que se aplica a expressão: passar a noite em branco?

• A diferença entre um ás no volante ou um asno volante é apenas de ordem fonética?

• O mato desconhecido é que é o anonimato?

• O pequeno viaduto é um abreviaduto?

• Como é que o mecânico faz amor? Mecanicamente.

• Quem vive numa encruzilhada é um encruzilhéu?

• Se diz do brado de bicho que não dispõe de vértebras: o invertebrado?

• Tristeza do boi vem de ele não se lembrar que bicho foi na última reencarnação. Pois se ele, em anterior vida, beneficiou de chifre o que está ocorrendo não é uma reencarnação?

• O elefante que nunca viu mar, sempre vivendo no rio: devia ter marfim ou riofim?

• Onde se esgotou a água se deve dizer: "aquabou"?

• Não tendo sucedido em Maio mas em Março o que ele teve foi um desmaio ou um desmarço?

• Quando a paisagem é de admirar constrói-se um admiradouro?

• Mulher desdentada pode usar fio dental?

• A cascavel a quem saiu a casca fica só uma vel?

• As reservas de dinheiro são sempre finas. Será daí que vem o nome: "finanças"?

• Um tufão pequeno: um tufinho?

• O cavalo duplamente linchado é aquele que relincha?

• Em águas doces alguém se pode salpicar?

• Adulto pratica adultério. E um menor: será que pratica minoritério?

• Um viciado no jogo de bilhar pode contrair bilharzirose?

• Um gordo, tipo barril, é um barrilgudo?

• Borboleta que insiste em ser ninfa: é ela a tal ninfomaniaca?

Brincadeiras, brincriações. E é coisa que não se termina. Lembro a camponesa da Zambézia. Eu falo português corta-mato, dizia. Sim, isso que ela fazia é, afinal, trabalho de todos nós. Colocámos essoutro português – o nosso português – na travessia dos matos, fizemos com que ele se descalçasse pelos atalhos da savana.

Nesse caminho lhe fomos somando colorações. Devolvemos cores que dela haviam sido desbotadas – o racionalismo trabalha que nem lixívia. Urge ainda adicionar-lhe músicas e enfeites, somar-lhe o volume da superstição e a graça da dança. É urgente recuperar brilhos antigos. Devolver a estrela ao planeta dormente.

\* Texto escrito especialmente para o Ciberdúvidas.

# Fala-se Português por aí?



Sílvia Melo-Pfeifer  
Coordenadora do Ensino Português  
na Alemanha

## Ode às preposições

Complete o espaço: “Fala-se \_\_\_\_ Português por aí”.

Este pequeno exercício, que faz lembrar os temíveis objetos gramaticais dos testes formativos, sumativos e demais, serve de mote a esta crónica, em que começamos por brincar em Português. Mote, porque cruza este espaço de expressão com o espaço da língua e, sobretudo, com o espaço da subjetividade em que me relaciono com esta língua e os seus locutores.

Esta crónica é um espaço de expressão em Português: “Fala-se em Português por aqui”. Aqui fala-se num Português, nessa minha forma de falar Português, de escrever Português, com as minhas niquices e as minhas palavras. Com as riquezas das outras línguas que preenchem os meus dias, as minhas frases, o meu vocabulário: croissant, Kindergarten, e-mail. Viver hoje em Português é estar num mundo de línguas e de linguagens, nem todas entendidas, mas, para mim, todas objetos de curiosidade. O meu Português é hoje uma língua mais rica devido a todas as línguas com que convivo. O meu Francês que aprendi primeiro do Jacques Brel e do Léo Ferré,

tinha longínquos dez anos. “Avec le temps”! O Inglês que me veio da escola pelo imenso amor de uma professora que nunca esquecerei (mas será que alguém esquece alguma vez um professor?). O Espanhol acidental em que embati e com o qual me rio até hoje, entre tapas e viños. O Alemão de uma vida que nunca tinha imaginado. O Italiano que gosto de pronunciar como se estivesse a “berliscar” a língua. Mas nem todas as línguas do mundo me fariam esquecer o Português da minha infância: as palavras perdidas de um mundo em construção: poda, regadeira, mondar, gândara, lavadouro. Não consigo pronunciar e ouvir estas palavras sem deixar de me ver mais menina que moça numa rua de Fermentelos.

E elogiando as preposições, este espaço é hoje também um espaço de reflexão acerca do Português: “Fala-se de Português por aqui” e “Fala-se sobre o Português”. Mas de qual? Quantas línguas cabem no Português? Quantas culturas cabem no que se diz hoje em Português? O meu Português, essa filha ocidental de um Latim que só morreu para dar vida a tantas outras línguas nossas irmãs, é já de si uma mistura de tudo o que me aconteceu, dos lugares por onde passei. Não se pode esquecer a forma bonita como um cão pequenino, a que eu chamava “cãozinho”, se pode transformar num algarvio canito e parecer ainda mais pequeno. As línguas têm razões que a Razão desconhece.

Poderia trazer para aqui conceitos como “Lusitanidade” e “Lusofonia”, o Português de todos os continentes. Todos espaços tão grandes e impor-

tantes do que se chama “falar Português” que merecem ser frases completas. Parágrafos.

Angola.

Brasil.

Cabo Verde.

Guiné-Bissau.

Moçambique.

Portugal.

São Tomé e Príncipe.

Timor.

Sendo este um espaço público, dirige-se ao próprio Português: “Fala-se ao Português por aqui”. À língua. Aos seus falantes. Por isso, aqui também se fala para o Português. Esta é uma das principais qualidades que reconheço ao projeto gigante que é esta newsletter mensal: falar em Português ao Português. Este projeto é tanto ou mais relevante quando se fala ao Português que, de uma forma ou de outra, se reconhece e se investe, emocional e cognitivamente, no projeto maior que é o Ensino do Português no Estrangeiro, quer junto das nossas Comunidades, como Língua que se quer Herança de família, quer em contextos mais académicos, como Língua que se quer progressivamente menos Estrangeira. É este também o projeto que me move, na Alemanha.

E finalmente, se este foi um espaço de diálogo dirigido aos leitores e de interação com eles, então “Fala-se com o Português por aqui”. Por este motivo, o e-mail fica à disposição. Auf wiedersehen.

PS- Venha daí agora a confissão: como é que completou o exercício inicial?

# Are you new to Portuguese?

The screenshot shows the website for Instituto Camões, specifically the 'APRENDER' (Learn) section. The header includes the logo 'IC INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL' and navigation links: 'Entrada', 'Aprender', 'Conhecer', 'Ensinar', 'Traduzir', and 'Ensino a distância'. A search bar is located in the top right corner. The main content area is titled 'APRENDER' and 'A FALAR > GUIA DE CONVERSAÇÃO'. Below this, there is a grid of topics for learning Portuguese, including 'MEETING PEOPLE', 'SMALL PURCHASES', 'GOING OUT', 'USEFUL SERVICES', 'FINDING ACCOMMODATION', 'HEALTH AND SECURITY', 'CAFÉ AND RESTAURANT', 'TRAVELLING', 'SUMMARY', 'VOCABULARY', and 'A BRIEF OF PORTUGAL'. Each topic is accompanied by a small representative image.

Would you like to learn how to have a conversation in Portuguese, about traveling, or going out or how to order in a restaurant? In the Camões Virtual Center you can learn read and listen some sentences in Portuguese.

You will need to know that *hoje está calor*, because, usually, we have a great weather. Or maybe

you want to invite someone: *vamos à praia? Ou ao cinema?* And if you are lost in the beautiful old streets of Lisbon or OPorto? You will need to know how to ask *como é que se vai para o centro?*

Try to listen and practice your Portuguese with your friends. They will be thrilled by the surprise. And you can travel the

world in Portuguese. Just try it. If you like the taste of it, well, we can help you with that too.

<http://cvc.instituto-camoes.pt/aprender-portugues/a-falar/guia-de-conversacao.html>



## Ler em Português, em todas as idades



Sugestões por  
Prof. Doutora Ana Margarida Ramos,  
Universidade de Aveiro

As sugestões de leitura que apresentamos são de obras para várias idades e níveis de proficiência linguística. Aproveitemos que a noite começa mais cedo e nos leva para casa para ler. Sozinhos ou em família, que a leitura deve ser ao gosto de cada um.

### LIVROS INFANTIS

#### A Gigantesca Pequena Coisa

Texto e ilustração de Beatrice Alemagna, (2011), Editora Bag of Books



*A gigantesca pequena coisa*, de Beatrice Alemagna, fala-nos de uma pequena coisa, frágil, discreta, que podemos encontrar no sorriso de uma cri-

ança, num barulho, num odor, num olhar, num raio de sol...

O que será esta gigantesca pequena coisa, que está ali mesmo perto de nós, tantas vezes, e nós não a sabemos reconhecer?

#### Onde moram as Casas

Texto de Carla Maia de Almeida e ilustrações de Alexandre Esgaio, (2012), Editorial Caminho



O texto começa assim: "As pessoas moram nas casas, mas o contrário também é verdade: as casas moram nas pessoas".

As divisões da casa são associadas ao coração, à alma, ao medo, ao sonho... Todas as casas têm um lugar secreto, onde cada um se liberta do mundo, e o sótão é o lugar onde sonham as casas.

*"As casa tem coração, um sótão para sonhar e uma cave para arrumar coisas assustadoras.(...) Como é a tua casa?"*

Veja também

[http://www.tsf.pt/paginainicial/AudioeVideo.aspx?content\\_id=267047](http://www.tsf.pt/paginainicial/AudioeVideo.aspx?content_id=267047)

#### Um Gato tem 7 Vidas

Texto de Luísa Ducla Soares e ilustração de Francisco Cunha, (2011), Editora Civilização

É de um modo hábil e cheio de ternura que a autora aborda, neste livro, a questão da morte.

## RECURSOS

A história de um gato que, à medida que cresce, vai gastando as suas sete vidas, é uma história doce, que fala aos mais novos da vida e da morte.



## LIVROS JUVENIS

### Mopsos o pequeno Grego - O Ouro dos Delfos

Texto de Hélia Correia, ilustrações de Henrique Cayatte (2004), Editora Relógio d'Água

Mopsos, um menino de uma família de adivinhos, faz a sua primeira viagem para fora da cidade natal, Tebas, aos oito anos. Acompanhado pelo avô cego, Tirésias, o mais importante de todos os adivinhos gregos, visita o santuário do deus Apolo,

em Delfos. Ali o esperam aventuras, fortes amizades e uma grande surpresa.

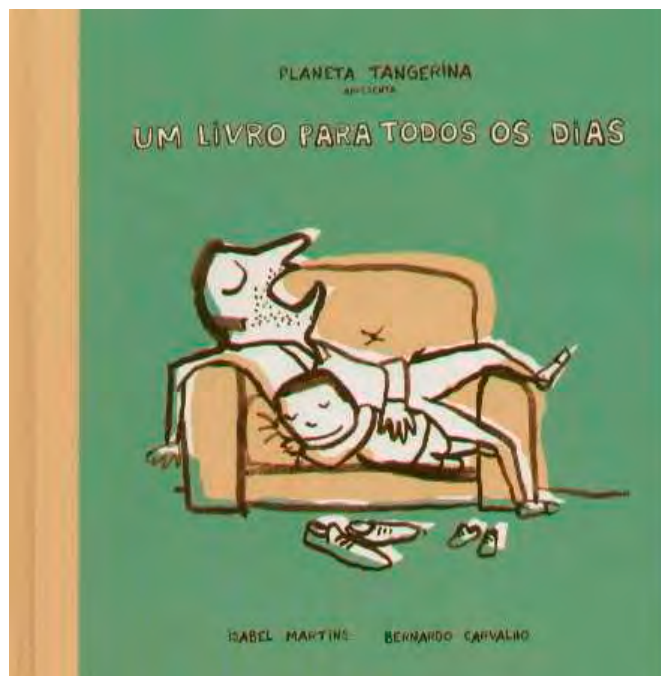
*O Ouro de Delfos* é o primeiro volume da coleção *Mopsos o Pequeno Grego*, que se inspira em episódios e personagens mitológicas.



### Um livro para todos os dias

Texto de Isabel Minhós Martins e Ilustrações de Bernardo Carvalho (reimpressão 2011), Planeta Tangerina

Este é um livro para leitores de todas as idades. Vem lembrar que “há dias e dias. Dias que não são dias. E melhores dias hão de vir”.



Este pode ser um livro para ter à mão em momentos SOS: para dias desesperados, dias esperançosos, dias inesquecíveis ou dias banais. E como todos bem sabemos: os dias não estão para modas...

As frases sucedem-se num pequeno livro em que as ilustrações dão vida e forma às palavras e as mensagens nos ajudam a simplificar as coisas.

### O Ar está Cheio de Vozes

Texto de Raúl Malaquias e Ilustrações de Yara Kono (2010), Editorial Caminho

De quem são estas vozes que andam no ar? De pessoas e de animais, mas também de geradores eólicos no meio de moinhos quixotescos ou de palavras insatisfeitas com o acordo ortográfico... Neste livro encontramos tudo à mistura: gente como nós, tambores com muita lata, moinhos es-





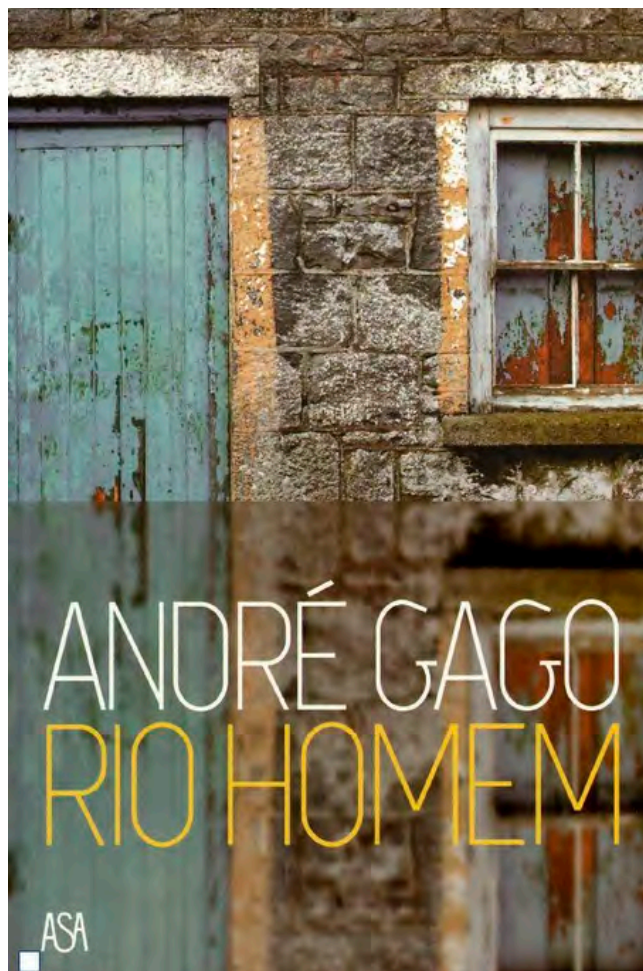
## RECURSOS

pantados com os avanços da tecnologia, segredos, dúvidas, um girasol, logo à entrada e os bichos – de duas quatro e mais patas, que, claro, não podiam faltar, todos senhores das suas razões!

Veja mais em:

<http://vimeo.com/36686880>

## LIVROS PARA OS MAIS CRESCIDOS



### **Rio Homem**

**de André Gago (2010), Edições Asa**

Em plena Guerra Civil de Espanha, Rogélio - um jovem galego de ideais republicanos - e alguns dos seus companheiros de guerrilha entram em Portugal clandestinamente para embarcarem, na cidade do Porto, num navio com destino aos Estados Unidos e assim escaparem à ameaça de fuzilamento e de prisão. Porém, Rogélio afasta-se do grupo e vem a sofrer uma experiência próxima da morte. Paradoxalmente, Rogélio irá renascer no seio de uma comunidade algo visionária, visitada e admirada por grandes intelectuais - a aldeia de Vilarinho da Furna. Aí encontrará o amor, de muitas maneiras. Rio Homem cruza duas histórias - a de um refugiado que perdeu todas as suas referências e a da aldeia comunitária que o acolheu e que hoje jaz submersa na albufeira de uma barragem.



## MATERIAIS PARA PROFESSORES, PAIS E FILHOS

Por Equipa da Coordenação

Propomos materiais didáticos que podem ser usados para estudo autónomo, com o apoio dos pais ou em sala de aula. Trata-se apenas de sugestões de atividades para uma partilha de práticas sobre aspetos essenciais do ensino da língua.

### LEITURA - Atividade para o nível A1/A2 (crianças)

Proposta didática de Telmo Gomes, professor de 3.º CEB e ES de Português, em Londres



animal poderoso como eu só deveria regalar-se com a comida mais bonita. Quando tiverem decidido qual de vocês é, ficarei muito contente em comer o vencedor!

As aves ficaram surpreendidas. Depois, falaram todas ao mesmo tempo.

- Algumas das minhas penas estão um bocadinho desbotadas - disse o pavão.

-As minhas patas não são nada bonitas - gritou o papagaio.

- Na verdade, sou uma ave muito feia - murmurou a pomba.

- Então, não precisam de discutir mais - concluiu o tigre, enquanto virava costas para regressar à floresta. E as aves nunca mais discutiram.

Nicola Baxter, "Histórias de Animais em 5 minutos", Círculo de Leitores, 2006. Ilustrações de Andy Everitt-Stewart

#### A Ave Mais Bonita

Na maioria das vezes, todas as aves que viviam à beira da floresta eram grandes amigas.

Um dia, o pavão abriu a sua elegante cauda e suspirou.

- O que é que foi? - perguntou um macaco que ia a passar.

- Ah, nada - respondeu o pavão. - Estava, apenas, a admirar a minha cauda e a pensar que é muito, muito bonita.

- O quê? Não é tão bonita como as minhas penas! - protestou, ruidosamente, um papagaio empoleirado no ramo de uma árvore. - Olha só para mim! Penas vermelhas, amarelas, azuis, laranja! Sou muito mais colorido do que tu, pavão!

- Oooh! Eu acho que és demasiado garrido - interrompeu uma voz suave, que estava perto. - As minhas penas brancas são muito mais bonitas - disse uma pomba que arrulhava no ramo de uma árvore.

As aves continuaram a discutir todo o dia e toda a noite. Os outros animais da floresta não conseguiram dormir com o barulho que elas fizeram e não ficaram muito satisfeitos.

Na manhã seguinte, enquanto as aves discutiam nas árvores, a restante floresta mantinha-se silenciosa. O tigre, o animal mais feroz de todos, foi ver o que era aquela confusão.

- Bem, bem - ronronou - isso é muito útil. Afinal de contas, um



## MATERIAIS PARA PROFESSORES, PAIS E FILHOS

1. Leitura dramatizada do texto, dividindo as personagens pelos elementos da família.

2. O tempo na nossa história...

Ligue cada elemento da coluna A ao elemento correto da coluna B.

Coluna A	Coluna B
Um dia...	O tigre foi ver o que era aquela confusão.
À noite...	O pavão abriu a sua elegante cauda e suspirou.
Na manhã seguinte...	As aves continuaram a discutir.

3. Escreva o nome do animal no espaço correto.

Quem fez o quê?

suspirou	
protestou	
arrulhou	
ronronou	
gritou	
murmurou	

4. Ordene, do menos intenso, para o mais intenso, começando por *suspirou*.

5. Preencha o quadro, seguindo o exemplo.

ANTES = QUALIDADES	DEPOIS = DEFEITOS
<b>PAVÃO</b> "A minha cauda é muito, muito bonita."	"Algumas das minhas penas estão um bocadinho desbotadas."
<b>PAPAGAIO</b> "Sou muito mais colorido do que tu, pavão!"	
<b>POMBA</b> "As minhas penas brancas são muito mais bonitas"	

6. O que levou à mudança de qualidades para defeitos?

5. Descubra qual o código secreto e identifique as palavras da lista.

vjjermjjelhjjas	
ajjmajrelajjs	
ajzujjis	
lajjrajnja	
brjjanjjcas	

6. Gostava de ser algum animal desta história? Justifique a sua escolha, apresentando as suas razões.

---

---

---

---

7. Como é que os animais desta história conseguiram vencer o tigre e não serem comidos por ele?

---

---

---

---





## Nível de competência B2

**Oficina de escrita** (Adaptada de Materiais para o Novo Programa de Português do Ensino Básico SD3\_Ano7\_FT03)

Vai propor a aquisição de novas obras para a biblioteca escolar.  
Comece por fazer uma visita à biblioteca para ver os livros existentes.  
A partir dessa informação, poderá aconselhar a compra de outros livros.

### Ficha de trabalho para planificação do texto de apreciação crítica.

#### *Fase I - Reflectir antes de escrever um texto*

1. Indique o título do último livro que leu. \_\_\_\_\_

2. Que aspecto o marcou mais ao lê-lo?

Uma personagem

A história

O estilo de escrita

Outro / Qual? \_\_\_\_\_

3. Numere por ordem de preferência, de 1 (pouco) a 5 (muito), o tipo de livros que mais gosta de ler:

Poesia

Conto

Biografia

Banda desenhada

Outros / Qual? \_\_\_\_\_

4. Por que motivo lhe agrada mais esse género?

---

---

---

---

5. Que aspecto lhe parece fundamental para que um livro seja

a) um sucesso de vendas?

---

b) imprescindível numa biblioteca escolar?

---

6. Imagine que tem de convencer o seu melhor amigo a ler um livro de que gostou particularmente. Escreva um parágrafo indicando o **título da obra e o seu autor**, assim como **uma boa razão** para ele o ler.

---

---

---

---

---

---

---

## Fase II - Planificar o texto

Na preparação da sua apreciação crítica, deve fazer uma planificação do texto a apresentar

- para seleccionar as ideias mais importantes a transmitir;
- para encontrar a melhor forma de expor o ponto de vista junto do professor bibliotecário;
- para que obedeça a princípios de correção e coerência linguística.

7. Na tabela que se segue apresentam-se excertos de uma breve apreciação crítica, porém, estão desordenados.

7.1. Leia-os atentamente e numere-os pela ordem correta.

Pela conjugação de dois ingredientes mencionados – criatividade e linguagem poética –, creio que é de todo o interesse adquirir este livro para a secção infanto-juvenil da biblioteca.	4	
Cada página reflecte o universo poético com que o autor nos apresenta desde o início (“Através daquele manto dourado que a natureza usara para anunciar o Outono, Li entrevista dias de esplendorosa beleza...”). A força interior das personagens (Ming e Wang, por exemplo) e as descrições dos espaços ao ar livre cativam o leitor e dão azo à sua imaginação. Daí que tenhamos vontade de acrescentar uma pitada da nossa sensibilidade ao texto.		
Trata-se de um livro de contos orientais que revela a vida e os costumes de personagens mágicas, príncipes e jovens feiticeiras, que recriam um ambiente de sonho, cheio de cor e de suaves imagens.		
Foi com alguma surpresa e curiosidade que recebi no Natal do ano passado o livro de que vos vou falar. Ele muda a vida de qualquer leitor, pela mensagem que contém e pela profundidade da escrita.		Introdução

7.2. Explique a ordenação que fez, apresentando as razões que o conduziram à resposta.

---



---



---



---



8. A partir do esquema apresentado, planifique o seu texto de apreciação crítica. Para isso, coloque, sob a forma de tópicos, as ideias a desenvolver em cada parágrafo.

Parágrafos	Estrutura do texto	Exemplos de argumentos e de recursos que podes utilizar
1º	Apresentação do motivo pelo qual se apresenta o livro.	Modernidade do tema abordado; Estilo do autor; Criatividade; Personagens cativantes; Obra sugerida/oferecida por alguém. ...
2º	Descrição do livro escolhido.	A obra trata de... Em traços gerais, o autor... A história passa-se...
3º	Razões para adquirir o livro, com base em exemplos e citações do livro.	Recomendo que... Na minha opinião... Parece-me uma boa escolha... É um livro que contém... O leitor tem a possibilidade de...
4º	Parágrafo conclusivo, que sintetiza e reforça ideias apresentadas anteriormente.	Por isso, considero que... Este tipo de escrita leva-me a ... É, sem dúvida, um livro que merece...

9. Depois de planificar, redija o texto.

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



## PORTUGUÊS BEM CUIDADO

Nesta rubrica, propomos um passatempo com dificuldades da Língua Portuguesa adaptadas de algumas perguntas e respostas do Ciberdúvidas ([www.ciberduvidas.com](http://www.ciberduvidas.com)).

Destacamos também algumas palavras que mudam, e outras que não, de acordo com o Acordo Ortográfico, e, obviamente, as respostas ao passatempo da Newsletter de fevereiro.

### PASSATEMPO

O plural das palavras compostas.

1. Será primeiros-tenentes ou primeiros-tenente ou primeiro-tenentes?
2. Será vice-presidentes ou vices-presidentes ou vices-presidente?
3. Será pão-de-ló ou pão-de-lós ou pães-de-ló?
4. Será piscas-pisca ou pesca-piscas ou piscas-piscas?
5. Será guardas-roupa ou guarda-roupas ou guardas-roupas?
6. Será matérias-prima ou matérias-primas ou matéria-primas?

(As respostas serão dadas no próximo número)

### DE ACORDO COM O ACORDO

#### MUDAM

*contra-senha* **PASSA A** *contrassenha*

*co-dependente* **PASSA A** *codependente*

#### NÃO MUDAM

*anti-herói*

*contra-ataque*

### RESPOSTAS AO PASSATEMPO DO NÚMERO ANTERIOR:

1. Diz-se o personagem ou a personagem?

R: É 'a personagem', 'personagem' é nome feminino.

2. Escreve-se 'açoriano' ou 'açoreano'?

R: É 'açoriano' porque o sufixo **-ano** combina-se com uma vogal de ligação que assume a grafia 'i', quando a base de derivação termina em 'e' átono.

3. Devemos utilizar a sigla ADN ou DNA?

R: É '**ADN**' (correspondendo a **Á**cido **D**esoxirribo**N**ucleico), pois está de acordo com a ordem básica dos constituintes em português, conveniente neste caso (nome, adjectivo) e não a inversa "**D**esoxyribo**N**ucleic **A**cid", na versão inglesa.

4. Escreve-se 'aero-nave' ou 'aeronave'?

R: É '**aeronave**', porque é considerado um composto morfológico, formado por dois radicais 'aero' + '-nave' unidos por uma vogal. Tal como agricultura, sociocultural, etc...

5. A forma correta é *devia fazer* ou *devia de fazer*?

R: É '**devia fazer**'. A sintaxe do verbo modal '**dever**' requer uma construção com verbo no infinitivo, não prevendo o emprego de preposição. A confusão pode surgir pelo facto de a preposição 'de' ser usada noutros casos e com outros verbos, como, por exemplo, 'ter de', 'gostar de'.

6. Como se divide as sílabas de água? Á-gua ou á-gu-a?

R: Deve ser '**á-gu-a**', Como os casos 'dú-zi-a', 'ex-pe-ri-ên-ci-a', 'se-cre-tá-ri-a'.

7. Como se divide as sílabas de polícia? Po-lí-ci-a ou po-lí-cia? É '**po-lí-ci-a**', o mesmo caso que água.





## FICHA TÉCNICA

Propriedade

Coordenação de Ensino do Português  
no Reino Unido e Ilhas do Canal, Instituto Camões



Editora: Regina Duarte (Coord.)

Equipa de Apoio Pedagógico:

Carlos Xastre

Helena Ferreira

Teresa Dangerfield

Vanda Araújo

Coordenação do Ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal  
Instituto Camões  
11, Belgrave Square  
London SW1X 8PP

Tube: Hyde Park Corner, Knightsbridge, Victoria

0044(0)2072358811

0044(0)7834192542

[cep.reinounido@instituto-camoes.pt](mailto:cep.reinounido@instituto-camoes.pt)

[regina.duarte@instituto-camoes.pt](mailto:regina.duarte@instituto-camoes.pt)

[cep.dap1@gmail.com](mailto:cep.dap1@gmail.com)

[vandacepe@gmail.com](mailto:vandacepe@gmail.com)